

MÁRIO FAUSTINO

Dylan Thomas

A LUZ REBENTA ONDE SOL NENHUM BRILHA

A luz rebenta onde sol nenhum brilha;
Onde mar nenhum corre, as águas do coração
Metem suas marés;
E, fantasmas quebrados, vagalumes nos cérebros,
Coisas de luz se enfiam
Pela carne onde a carne os ossos não recama.

Entre as coxas um círio
Juventude e semente aquece, e queima
Sementes de velhice;
Onde semente alguma treme, o fruto
Do homem se desenruga até os astros,
Brilhante como um figo;
Onde cera não há, o círio expõe seus pêlos.

Madrugada rebenta atrás dos olhos;
Dos polos de artelho e crânio, o sangue proceloso
Escorre como um mar;
Sem grade ou torre, poços do céu esguicham,
Vara, cetro, rebento,
Num riso adivinhando o petróleo das lágrimas.

Noite ronda nas órbitas,
Como a luz de pez, o limite dos globos;
O dia acende o osso;
Onde frio não há, escorchante borrasca
Tira a roupa do inverno;
Pendura-se da pálpebra a membrana
Da primavera --

A luz rebenta nas glebas secretas
Nas pontas do pensamento, lá onde os pensamentos
Rescendem sob a chuva;
Quando as lógicas morrem,
Cresce através do olho o mistério do solo,
Sangue jorra no sol;
Sobre os lotes incultos madrugada faz alto.

In Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo, Ano X, nº 485, 9/7/1966.